

Título

O estranho caso de Paulo Kellerman

(Brilhante) Autora

Luísa Marques da Silva

Todos os direitos reservados ©2015 Luísa Marques da Silva

Capa

Vá, olhem bem: não há nenhuma capa

2ª edição on-line

Lisboa, Outubro de 2015

WNFE

<http://wnfe.my-free.website>

*Esta edição pode e deve ser distribuída por todas as alminhas que a quiserem ler.
Comentários, em especial os porreiros, podem ser enviados para wnfe@sapo.pt*

Uma trégua nos afazeres que tinham insistido em multiplicar-se nas últimas semanas e roubar a Paulo as suas horas sagradas de escrita, e tudo a postos para uma boa noite de letras. Finalmente, eis chegado o momento com que sonhava havia tantos e tantos dias.

Depois de contar uma história à filha, esforçando-se por não parecer ansioso pela sua conclusão, Paulo beijou-lhe a testa, ajeitou-lhe os cobertores e sussurrou-lhe “boa noite” ao ouvido. Seguidamente deu por si a apressar o passo em direcção ao escritório. Sentou-se à secretária soterrada de livros e suspirou, satisfeito, sabendo que muito em breve ia conseguir libertar-se da narrativa que já lhe ocupava o cérebro há mais de um mês. Começava a ser doloroso guardar aquelas personagens dentro de si, com todos os seus diálogos e emoções, manias e pensamentos, a incomodá-lo a toda a hora e a desconcentrarem-no das tarefas do dia-a-dia. Os textos que carregava eram como um bebé que não nasce quando deve nascer: como se estivesse grávido de uma história que devia ter sido parida há umas boas semanas... Infelizmente, nos últimos tempos, tinham surgido sempre... coisinhas ... a roubar o parco tempo que reservava a uma das suas grandes paixões. Tarefas ridículas e inconsequentes, mas marcadas com o rótulo de prioridade: o amigo que precisara de uma ajuda para umas mudanças, a tia que não sabia ligar-se à *Net*, os primos que tinham aparecido por dois dias, a vizinha que... Bem, a história viria ao mundo nessa noite e não valia a pena chorar o leite derramado... E por falar nisso...

Paulo deixou o *Windows* a arrancar e foi à cozinha. Dois minutos depois regressava com uma caneca de leite que pousou em cima de uma das pilhas poeirenta de livros que cobriam praticamente toda a secretaria, deixando apenas espaço para o seu computador.

Abriu o *Word*, mas antes decidiu dar uma espreitadela ao seu *blog*. Já deveria ter reclamações dos seus seguidores pela ausência prolongada de novos conteúdos... Enquanto esperava que este surgisse no ecrã, Paulo sacudiu umas partículas de pó de um dos livros, com algum remorso: sentia que os livros em cima da sua secretária se reproduziam como coelhos e ele não conseguia dar conta de tamanha criação...

Quando voltou a encarar o computador quase deu conta que os seus olhos se abriam desmesuradamente, num espanto: em vez de “A gaveta do Paulo”, o nome do seu *blog*, Paulo leu “A gata do Paulo”.

“A gata do Paulo”? “A gata do Paulo”? “A gata”...? O que se teria passado? Confirmou que aquele era a página que procurava... Era. Era mesmo. Mas... “A gata do Paulo”? Teria inadvertidamente introduzido o erro no *blog*? Ou... ?

Antes sequer de chegar a pensar que um *hacker* poderia estar por detrás do acontecimento, Paulo ouviu o som que escolhera para o avisar que a sua caixa de correio electrónico tinha visitas. Desconcentrado, abriu-a, num gesto automático. Se o assunto da mensagem que acabara de receber não fosse “A gata do Paulo”, nem lhe teria dado atenção. Mas “A gata do Paulo” era o *subject* de um texto não assinado, provindo de uma conta do *gmail* de uma tal de “gata114”.

Caro Paulo,

Temos o “ve” em nosso poder. Se o quer recuperar, tem de permitir que o homem do “Numa rua anónima de uma cidade qualquer” se encontre com a mulher que observava na varanda do outro lado da rua.

Paulo não sabia se se devia rir ou ficar preocupado: quem é que se lembraria de roubar letras de um *blog* para levar avante uma exigência? E que exigência...

Pensou uns segundos. O pragmatismo e o sentido de humor levaram a melhor e soltou uma gargalhada. Que coisa mais parva! Pois bem, teria de aguentar mais um dia a história que lhe corroía as entranhas: ia deixar-se chantagear. Também, na verdade, era por uma boa causa: aqueles dois seres que habitavam a mesma rua e que se mediam à distância estavam mesmo a pedi-las... Certamente que por detrás disto estaria um dos seus leitores, perito em informática, que decidira que era altura de os juntar. Que assim fosse. Era certamente um leitor atento. Iria satisfazer a sua vontade.

E, arregaçando as mangas, Paulo começou a escrever o encontro de duas das suas personagens que se observavam mutuamente havia tanto tempo, mas que nunca se tinham chegado a conhecer.

Tinha acabado de submeter o seu último *post*, relatando o encontro dos velhos personagens, quando recebeu um novo *email* da “gata114”.

Caro Paulo,

Pode encontrar o “ve” no gabinete do psiquiatra com quem desabafa o personagem principal do seu conto “La redoute”. Está na primeira gaveta à esquerda da pesada secretária de mogno.

O quê? O processo de digestão mental do que acabara de ler foi agora mais lento. Esta agora! As letras estavam na secretária do psiquiatra? Como é que um “ve” podia estar escondido numa peça de mobiliário de um cenário implícito? A secretária fazia, de facto, parte do gabinete do médico, como o imaginara, mas nem sequer a descrevera no “La Redoute”. Como é que a “gata114” podia saber que havia uma secretária na sala de consultas do psiquiatra? E... e... como é que ia lá buscar o “ve”?

E estava o escritor, muito confuso, a meditar nos últimos acontecimentos, quando lhe chegou um novo *email* da “gata114”

Caro Paulo,

Deixe de ser burro. Entre no jogo. Só precisa de uma caneta ou de um teclado.

Obediente, Paulo puxou o teclado para si e aninhou os dedos na sua superfície ainda antes de saber o que fazer com ele. Depois teve uma ideia que o fez abrir um novo documento e começar a escrever:

“A secretária, em mogno, feia e imponente, ocupava grande parte da sala. Paulo Kellerman aproximou-se e passou os dedos na superfície polida. Pilhas de folhas com dados de pacientes e notas certamente confidenciais sobre os seus processos arrumavam-se a um canto. De frente para a secretária, invejando tanto espaço livre e tanta limpeza em comparação com a sua própria secretária, Paulo descaiu o braço esquerdo e tateou o puxador da primeira gaveta. Num puxão abriu-a. Cheio de curiosidade observou o seu conteúdo, mas nem foi preciso procurar: ao lado de um furador, estava o “ve”.

Mal tinha acabado de escrever a última palavra, Paulo apercebeu-se que a página do seu *blog* entrava num “*refresh*” automático. Num clique rápido trouxe-a para primeiro plano. E ali estava, não havia enganos: no cabeçalho da página resplandecia de novo “A gaveta do Paulo”.

Estranhamente, a noite seguinte voltou a ser de tréguas e Paulo deu por si a contar à filha a história mais curtiinha de que se lembrava e, desta vez, a correr para o computador. Já não se sentia “grávido”: sentia-se mais como alguém que tem de ir rapidamente à casa de banho, fazer um grande chichi. Paulo precisava

desesperadamente de se libertar da história da qual não se conseguira livrar na véspera e que parecia agora ter-lhe enchido apenas a bexiga.

Mas ainda não era desta: um novo *email* da “gata114” esperava por ele. Chegou dois segundos depois de Paulo se aperceber que não bebera o leite da véspera e que pelo menos uma mosca fora a banhos na sua caneca e que por lá ficara.

Caro Paulo,

Roubámos várias vírgulas às suas estórias e espalhámo-las aleatoriamente pelos seus textos. Se as quer corrigidas, por favor, permita que o personagem da estória “Ai” calce umas cuecas de homem.

Paulo precisou de alguns minutos para compreender o significado da mensagem, mas em poucos segundos confirmou que as vírgulas do seu *blog* pareciam ter sido espalhadas pelo vento. Corou uma ou duas vezes de vergonha: um sujeito decapitado do seu predicado, uma preposição separada de um nome, uma... Rezou interiormente para que nenhum dos seus seguidores estivesse ligado ao *blog* naquele momento. Ele que nunca falhava uma porra de uma vírgula...

Tentando manter-se calmo, consultou a história “Ai” do seu livro “Os mundos separados que partilhamos” e recordou o texto lindo e tristíssimo que escrevera: uma mulher morria nos braços do marido, deixando-o sem saber o que fazer naqueles momentos imediatos; mais tarde, o marido conta à irmã que naquela confusão de emoções, tinha vestido as cuecas da mulher.

Mas... qual era o problema de ter calçado as cuecas da esposa ao senhor? Fazia todo o sentido no texto e era a peça chave que marcava o desespero supremo!

Levantou-se, impaciente, pegou na caneca, levou-a à boca e quase engoliu a mosca. No entanto, a repugnância que sentiu foi passageira, dado a enormidade do problema que tinha entre mãos. Decidiu-se por ir até à cozinha arranjar um novo copo de leite. Cruzou-se com a mulher, que preparava um bolo para o dia seguinte; por uns segundos pensou em contar-lhe. Depois sentiu-se demasiado ridículo. Toda a história era demasiado ridícula, a bem da verdade. Assim, limitou-se a aquecer o leite, beijar a mulher e voltar para o seu retiro.

Sentou-se à secretária com o cérebro em ebulição. A parte prática do seu ser pensava em escrever uma frase que libertasse o personagem da roupa interior de senhora. A outra parte pensava que não deveria ceder a chantagens, que na véspera tinha sido uma brincadeira, mas que agora já não tinha piada: que raio de tarado é que o queria obrigar a trocar de roupa a uma personagem? Uma terceira

parte de si não conseguia evitar sentir-se tão patético que começava a achar que devia ir meter-se na cama e dormir.

Sem se conseguir decidir, levantou-se de novo e deu uma volta à secretária, levando a caneca com ele. Desta vez bebeu o leite até ao fim, enquanto olhava pela janela sem ver; na sua cabeça, três pensamentos digladiavam-se e o vencedor ditaria a sua próxima acção. Finalmente, a bexiga a explodir com a sua história não nascida falou mais alto: “Porra, vou mas é escrever a merda da frase que não é nada de muito complexo e ainda tenho tempo para começar a aliviar o texto”.

Nem se deu ao trabalho de escrever no computador. Pegou numa folha de papel, pensou um bocado e depois escreveu:

“A irmã preparou-lhe um banho quente, mas ele apenas teve consciência do toque frio da banheira na sua pele; a irmã deixou-lhe roupa lavada ao lado do lavatório, mas ele apenas teve consciência que a roupa interior já não era a Dela.”

Logo a seguir voltou ao seu *blog*. Tal como previra, lá estava ele, lindinho de novo, as vírgulas todas elegantes a marcar posição nos sítios certos.

Voltou a suspirar: pronto, estava feito, agora podia finalmente vomitar a sua história. Sim, vomitar. Já passara a barreira do parir e do mijar, só a queria vomitar cá para fora.

Abriu um novo documento e no momento em que este se mostrava, apetitoso, branco e virgem, a caixa de correio electrónico voltou a dar sinais de vida.

Caro Paulo,

Trocámos todos os “há” por “à” e todos os “à” por “á” no seu *blog*. Se quiser restabelecer o bom português, tem de curar a personagem do seu mini-conto “o peido”, do seu livro “Miniaturas”, pois esse senhor está farto de ser paraplégico.

Por esta é que não esperava! Uma segunda chantagem na mesma noite! E desta vez para satisfazer o desejo de... uma das suas personagens? Paulo teve plena consciência que não podia ceder ou tornar-se-ia um escritor fantoche na mão de um louco? Quem estaria por detrás destes acontecimentos? Mais uma vez a sensação de estupidez esmagou-o. Devia mesmo ir para a cama. Depois pensou que não, que não podia ir esconder-se debaixo da almofada e lençóis: tinha de resolver aquele problema de vez. Assim, decidido, abriu um documento e, em modo de desafio, mas com o seu sentido de humor a despertar, redigiu o seguinte:

Paulo decidiu que não mais obedeceria aos seus personagens. E todos os erros introduzidos no seu *blog* voltaram ao normal.

Aguardou um bocadinho e olhou para o *blog*. Sentiu-se mesmo corar com as atrocidades que pululavam o seu texto; pior, horror dos horrores, alguém já tinha introduzido um comentário! Não, dois comentários. Péssimos.

Esperou mais uns segundos, mas nada aconteceu, os acentos continuavam trocados e os “h”s tinha levado sumiço. Então teve uma ideia: fez *reply* a um dos *emails* da gata114:

Cara Gata114,

Gostaria de ter uma reunião consigo. Será possível?

Mal acabara de enviar o *email* e já tinha uma resposta na sua *mailbox*.

Caro Paulo,

Claro que sim. Está nas suas mãos marcar o encontro. Estarei presente juntamente com todas as suas personagens. Tem de as convocar TODAS.

Paulo compreendia agora o que tinha de fazer. Deu mais uma volta pela casa, para arrumar ideias, e, poucos minutos depois, regressou, sabendo os termos exactos que iria usar no que queria escrever.

Paulo foi o primeiro a chegar ao pequeno auditório do CCB. No palco, uma mesa com uma placa, um microfone, uma garrafa de água, um copo e um bloco de notas. Aproximou-se e constatou que a placa tinha o seu nome: “Paulo Kellerman”. Sentou-se, abriu a garrafa e verteu-a no copo.

Estava no primeiro gole quando ouviu um barulho: abriu-se uma porta lateral e surgiu um homem numa cadeira de rodas. Tinha um ar inteligente, mas muito mal encarado. Era certamente o homem paraplégico do seu livro “Miniaturas”. Seguiu-se uma mulher cega e depois... homens, mulheres e crianças que Paulo teve dificuldades em identificar, mas que sabia serem criações suas.

Esperou pacientemente que se sentassem, observando-os, um a um, e tentando perceber quem eram. Depois, tentando parecer calmo e descontraído, pegou no microfone e começou a falar, mas parou dois segundos depois, quando da plateia lhe começaram a fazer sinais de que não estava a ser ouvido. Reparou então que não tinha ligado o microfone. Ligou-o, mais uma vez sentindo-se estúpido, e voltou a falar.

- Pois bem, meus caros, quero ouvir o que têm a dizer. Podemos tentar chegar a um acordo em relação à vossa condição dado que quero urgentemente resolver a minha. Já me dói a história que carrego em mim e que me queima as entranhas e quero ter tempo para ela, sem mais sabotagens. Desde já aviso que estou disponível para negociar, mas que não mais cederei a chantagens. Acrescento ainda que

não vou ressuscitar ninguém, nem curar incuráveis. Não sou Deus. Sou apenas um escritor. Digam, pois, de vossa justiça.

Uma mulher nova, bonita, sentada na primeira fila, levantou-se num impulso. Hesitou por uns segundos, mas depois falou:

- Eu sou a personagem feminina de “O perguntador”. Chamo-me, Sofia, apesar do meu nome nunca ter sido mencionado... na verdade, nem direito a uma verdadeira identidade tive – fez um ar zangado. – Bem, mas isso já não interessa absolutamente nada e vou ser directa: achei uma grade merda o seu conto, porque o Carlos, o meu amigo de infância, e eu, tínhamos finalmente tudo a postos para um bom relacionamento ou, pelo menos, para uma boa queca. E depois, à última da hora, como quem diz no último parágrafo do texto, o senhor Kellerman inventa-me um marido e filhos... – abanou a cabeça indignada e trincou o lábio num gesto que Paulo achou encantador. – Tentei explicar ao Carlos que não era casada, nem tinha filhos, mas ele deixou-me. Portanto: muito obrigadinha, senhor Kellerman. – rematou com raiva.

Logo a seguir um homem ergueu-se ao fundo da sala. Paulo teve alguma dificuldade em ouvir o que dizia:

- Eu levei uma paulada na praia (e repare a ironia na utilização da palavra “paulada”, Sr. Paulo) e desde essa altura não sei o que me aconteceu. Não sei se estou vivo ou morto. Acha que é agradável viver assim?

E um a um, homens, mulheres e crianças, fizeram as suas reclamações. “Mataste o meu pai”, “Puseste-me pensamentos masculinos na cabeça”, “O sexo entre nós era óptimo. E o cheiro do sexo também”, “Gosto mesmo de brincar com o meu filho.”, “Não me suicidei nada”... Paulo ouvia-os a todos, simulando uma grande calma, mas a cada queixa sentia um remorso terrível.

Finalmente, falou um homem de meia idade, de grandes olheiras e costas curvadas:

- Portanto, temos os nossos direitos e pequenos pormenores de que o Paulo nem se apercebe fazem-nos a vida num inferno quando nos deixa, quando nos larga. Cria-nos, atribui-nos pensamentos, diálogos, emoções que muitas vezes não são os nossos. Depois larga-nos quando já servimos para as suas histórias. No meu caso, andei até há bocado com as cuecas da minha falecida mulher; nem imagina as dores que as rendinhas me provocavam nas virilhas...

Quando o homem se sentou, mais ninguém tomou a palavra. Paulo apercebeu-se que era a sua vez.

Levantou-se e andou uns bons segundos para cá e para lá, no palco. Estava incomodado com toda a situação, mas não podia dar parte fraca. Finalmente, começou o seu discurso:

- Vocês são as minhas personagens e eu, como escritor, tenho o direito de vos moldar como quero. Confesso, no entanto, que nunca me tinha apercebido que vocês eram mais que... personagens. Tenho mais histórias para escrever, mais de vós para criar e não vou deixar de o fazer... não vou deixar de escrever histórias tristes, dramas, pensamentos sufocantes, pequenas lágrimas do dia-a-dia, dado que é algo que está na minha natureza. Nasci para o fazer. Por outro lado, percebo a vossa frustração: já não me pertencem, mas deixei-vos inacabados, em sofrimentos. Assim sendo, vou sair desta sala durante meia hora e peço que discutam entre vós uma solução para isto. Mas não me peçam milagres. E, dito isto, Paulo retirou-se. Aproveitou para ir ao piso superior beber um café e sentou-se uns minutos na esplanada, ao sol, a ver o rio. Depois, regressou ao auditório.

- Então? – perguntou, entre o inquieto e o curioso.

O homem da cadeira de rodas levantou o braço para falar. O escritor assentiu.

- Queremos ir num cruzeiro e viver felizes para o resto das nossas vidas.

Uma gargalhada libertou-se de Paulo. Não estava à espera daquela resposta.

- O quê...?

Depois apercebeu-se do silêncio da plateia: ninguém se estava a rir. Na verdade, olhavam todos para ele com um ar muito ofendido.

O senhor da cadeira de rodas voltou a tomar a palavra:

- Queremos partir num cruzeiro, ser felizes e que não nos vá procurar. Queremos ser felizes como escolhermos. Não o queremos a escolher-nos emoções, textos, sentimentos.

Paulo já não se ria. Estava de novo confuso.

- E como é que...

Parou quando viu o ar de desprezo que o homem lhe enviou. Recordou naquele momento que a personagem paraplégica era o vencedor de um Nobel e teve a certeza que os *emails* da gata114 eram dele. Quase que o ouviu chamar-lhe "burro" de novo. Devia ser o líder de todo o motim.

- Ok, ok, sei o que tenho de fazer, sim.

Paulo puxou de novo o seu bloco e escreveu:

Todas as pessoas que estavam naquela sala saíram ordeiramente e foram apanhar um cruzeiro. E foram felizes para sempre.

Quanto ao Paulo... bem... a ordem voltou ao seu *blog* e escreveu nessa noite a história que o perseguia... e muitas mais.